

A RELAÇÃO IDENTIDADE E TERRITÓRIO NAS MANIFESTAÇÕES SIMBÓLICO-CULTURAIS NO RODEADOURO (JUAZEIRO-BA)¹

Analice Santos Pereira da Silva²
Luzineide Dourado Carvalho³

Resumo

O presente estudo tem como objetivo principal mapear, descrever e analisar as manifestações simbólico-culturais existentes na comunidade do Rodeadouro, considerando que essas materializam os emblemas e os signos da identidade dos sujeitos que nela vivem, constituídos pela família, a Igreja, o território e a escola. Tais signos são organizadores da vida, do comportamento, dos valores éticos e morais, da cultura, da religiosidade e dos sentimentos de pertencimento dos moradores. Analisa-se a construção das territorialidades e das novas interferências que chegam, por exemplo, pelo turismo na ilha do Rodeadouro. E, problematiza-se sobre o papel da Escola na contextualização da identidade cultural e territorial dessa comunidade.

Palavras-chave: Manifestações Simbólico-Culturais, Identidade Territorial, Memória, Contextualização.

Introdução

Este artigo, resultado do Trabalho de Conclusão Final do Curso (TCC) em Pedagogia, UNEB/DCH III, ‘nasce’ das observações e problematizações surgidas no período de estágio, no 5º período do referido Curso, no qual se desejava incentivar a escola para a inclusão no seu planejamento a possibilidade de reflexões sobre a memória da vasta riqueza e singularidade da comunidade do Rodeadouro, visto que constatava-se naquele momento que a mesma não explorava o contexto cultural que a comunidade possui.

Ao tratar da relação identidade e território nas manifestações simbólico-culturais na comunidade do Rodeadouro, Juazeiro (Bahia), é necessário identificar o contexto socioeconômico dessa comunidade, apresentando sua identidade local, bem como as manifestações identitárias e simbólico-culturais que representam essa identidade e representação social que os sujeitos sociais desse lugar se percebem. Para tanto, o estudo se detém na busca de quais emblemas e signos foram e são presentes na relação identidade e território. Tais emblemas são apresentados pela família e seu papel na transmissão dos valores educativos, morais, éticos e comportamentais de geração a geração; pela Igreja Católica, pela comunidade-território e a escola.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC 2011.1) de Pedagogia em Docência e Gestão de Processos Educativos, da Universidade do Estado da Bahia – Deptº de Ciências Humanas – Campus III

² Pedagoga, Universidade do Estado da Bahia – Deptº de Ciências Humanas – Campus III

³ Drª em Geografia (UFS). Docente da Universidade do Estado da Bahia – Deptº de Ciências Humanas – Campus III. Orientadora do TCC.

O estudo se pautou no levantamento e análise dos dados sobre o lugar, a valorização e reconhecimento com relação aos aspectos simbólico-culturais da comunidade. Para tanto, o percurso teórico- metodológico partiu da premissa que a produção do conhecimento é histórico, processual e dinâmico, pois indaga sobre a realidade na qual o contexto social é histórico. Neste embasamento, a observação da realidade social dessa comunidade estudada envolveu a obtenção de dados descritivos sobre as pessoas, os nativos dessa comunidade, por meio da escuta de suas falas e de suas interpretações sobre sua própria experiência de vida. Com base nesse percurso, apoiou-se os procedimentos na Fenomenologia, considerando a importância de trazer essa realidade com os sentidos e significados dos eventos vividos pelos sujeitos que a vivem (ESPOSITO, 1994). Esta abordagem fenomenológica possibilitou trazer à tona as manifestações simbólico-culturais expressas no samba de veio, nos penitentes, nos festejos de São José. Avaliar como os emblemas e signos adentram no cotidiano e nos momentos comemorativos e ritualizados que marcam a vida dessas pessoas, observando as influências e as contribuições que tais signos denotam para a formação da relação identidade e território e que se configura na identidade territorial/cultural da comunidade do Rodeadouro.

Também o estudo busca se caracterizar como uma pesquisa etnográfica, pois vale-se da coleta de dados extraídos da observação participante, dos relatos e depoimentos desvendados pelas entrevistas (semi-estruturadas), dos questionários (semi-abertos), que sua vez, permitiram obter um grau de interação com a situação estudada. Sendo uma pesquisa qualitativa, sua base metodológica permitiu a expressão dos sentimentos, das motivações, das crenças e das atitudes de cada sujeito escutado, considerando suas falas como fontes válidas, já que estão imbuídas do contexto das suas relações sociais e existenciais.

Todas as entrevistas foram realizadas em dias, horários e locais pertinentes para os entrevistados, cuja transcrição das mesmas foi feita fielmente, mantendo seus linguajares e respeitando a permissão de publicação.

Um percurso pela comunidade do Rodeadouro: desvelando suas memórias e seu contexto socioeconômico e cultural

O tempo passa e nossas vidas vão tecendo histórias, escrevendo novos capítulos para as novas gerações. Para as velhas também, que cumpriram o seu objetivo pelo grande fato de fazer parte dela, pois ao construírem e deixarem a sua obra para ser

apreciada como exemplos de vida para os que ficam e que ainda chegarão. O registro histórico se fundamenta na pesquisa reservando-nos às lembranças carinhosas da infância, que a memória possa manter ainda em arquivo, para que não se perca na voracidade do tempo, mas que se perpetuem. Como reflete Silva (2009, p.28): “A formação da identidade ocorre também nos níveis “local” e pessoal”.

A história oral para alguns autores como Portelli (2010) é uma nova forma de conhecimento que produz um diálogo à luz das circunstâncias do tempo presente, que ao construir as histórias de vida, faz com que cada narrador se transforme em personalidades centrais dos acontecimentos de um determinado lugar, tendo a oportunidade de mostrar suas próprias percepções. Foi o que aconteceu no filme “Os narradores de Javé”⁴, em que os personagens estavam preocupados, com medo que seu povoado desaparecesse por conta da construção de uma hidrelétrica, então, os mesmos como não sabiam escrever, contrataram uma pessoa para registrar através de relatos orais, os acontecimentos da história do povoado, bem como as vivências de cada personagem. Usando aqui as palavras de Portelli (2010, p.02): “O contar uma história preserva o narrador do esquecimento; a estória constrói a identidade do narrador e o legado que ela ou ele deixa para o futuro”. Ainda afirma o autor que:

[...] Por que buscamos fontes orais? Por que trabalhamos com elas? Não só porque as pessoas que entrevistamos possuem informações de que precisamos, que nos interessam. É mais do que isso. É porque há uma relação profunda, uma relação muito intensa, entre a oralidade e a democracia (PORTELLI,2010, P. 02).

Em Bosi (2004, p. 44) pode-se concluir que, a memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações. Dessa forma, entende-se que a história oral é apoiada na memória e vice-versa, contudo, recordar um momento vivenciado, e poder transmitir essa história é na verdade uma atividade de relacionar o passado com o presente, história essa que está presente em nossas vivências. As histórias de vida exercem um papel importantíssimo para o reavivamento do passado da comunidade pelo momento presente.

Nesse sentido, desvelar as memórias, as histórias, as vivências da comunidade do Rodeadouro é mergulhar no seu cotidiano, na organização da vida dessa comunidade e das pessoas, sua sobrevivência econômica, suas formas de estruturar o cotidiano.

⁴ **Narradores de Javé** é um filme brasileiro lançado em 2003, gênero drama, dirigido por Eliane Caffé.

Rodeadouro sempre viveu da agricultura de subsistência, fato este observado até os dias atuais, pelo menos para boa parte da comunidade. De acordo com a fala de um de seus moradores: “A comunidade sempre viveu assim de pesca e de roça, no caso era plantação de mandioca, todos os alimentos eram tirados ali mesmo” (A.L, entrevista, Rodeadouro, 08.07. 2011).

A produção econômica origina-se das roças com plantios de cebola, tomate, coentro, melão, etc., sobrevive-se também do turismo e das manifestações culturais que atraem visitantes de toda região, gerando renda entre os meses de novembro a março.

Constituída de agricultores e pescadores, a comunidade atualmente caracteriza-se mais pela atividade da pesca, cujos pescadores são cadastrados na colônia de pescadores do Angari, situada na cidade de Juazeiro. Além de cobrar os direitos e deveres desses associados e, a colônia capacita e habilita o sujeito a exercer as funções de pescador por meio da carteira de associado constando. Com isso o associado no período da piracema, recebe uma quantia para organizar sua vida econômica, que vai de outubro a março, período este em que todos são proibidos de pescar.

A comunidade não dispõe de segurança pública, e já chegou até ser implantado um posto policial e telefônico, mas depois de algum tempo foram desativados (posto policial em 2010 e o telefônico em 2004), dispõe de pouca infraestrutura urbana. Um momento que marcou essa comunidade foi a pavimentação do asfalto da estrada principal que a liga ao centro de Juazeiro.

Um grave problema que a comunidade tem é a de conviver próxima do lixão da cidade, existente há mais de quinze anos, contribuindo para a proliferação de doenças e prejudicando além do Rodeadouro, também a comunidade de Riacho Maria Preta, em Barrinha da Conceição.

No que tange ao setor educacional, este passou a ser ofertado ainda na década de 1950 por meio da parceria com o atual Colégio Dr. Edson Ribeiro (Juazeiro), cujas professoras iam lecionar na comunidade. Estas passavam a semana no Rodeadouro e retornavam a Juazeiro na sexta-feira. As aulas aconteciam em casas e locais improvisados. Só na gestão do Prefeito Américo Tanury, em 1973 é que foi construído o prédio escolar, com apenas uma sala, uma cozinha e um banheiro. As aulas eram lecionadas nas casas de alguns moradores da comunidade. Atualmente, a Escola dispõe de uma infraestrutura mais adequada, funcionando nos três turnos e contando com uma equipe gestora. A escola municipal Maria Monteiro Bacelar, atende as comunidades de Barrinha da Conceição, Jaicó, Baixa do Umbuzeiro, a entre outras.

Além da comunidade, existe também a ilha do Rodeadouro, na qual surgiram novas atividades, especialmente motivadas pelo turismo local. A ‘ilha do Rodeadouro’ é uma das ilhas do Rio São Francisco (no trecho da região de Juazeiro-Petrolina) mais apreciadas, com suas margens de areias alvas e excelentes para banho. Ela fica aproximadamente a 12 km do centro da cidade de Juazeiro/BA, fazendo divisa com o estado de Pernambuco. Com uma razoável infraestrutura para atender os visitantes, há barracas para servir variados pratos típicos da região e também para hospedar-se. Há também um envolvente espaço para *camping*, onde as pessoas podem passar os finais de semana desfrutando os encantos naturais desse lugar. Algumas barcas de passeio saem do cais de Juazeiro até a ilha, durante o trajeto, as pessoas curtem músicas ao vivo, enquanto se contempla o espetáculo natural do *Velho Chico*, o maior cartão-postal do município.

Com a construção da Barragem de Sobradinho em 1970, algumas cidades ribeirinhas como Remanso, Casa Nova, Sento Sé e Pilão Arcado, tiveram de ser relocadas para outros lugares. Essa construção gerou o sofrimento de famílias que bruscamente mudaram o seu modo de viver, perderam suas plantações, suas riquezas culturais, grande parte se sua memória foram submergidas nas águas de Sobradinho. Contudo, no conjunto da opinião dos moradores do Rodeadouro existe uma grande polêmica em relação à construção dessa barragem, pois para alguns ela trouxe benefícios, pois foram resolvidos os problemas com o movimento de vai e vem do volume das águas do Rio São Francisco, que provocavam a inundação das áreas ribeirinhas, ocorrendo assim às enchentes em tempos de chuvas; já para outros trouxe malefícios, pois com ela vieram os impactos ambientais causando a degradação do Rio, afetando desastrosamente a vida dessas pessoas, bem como a fauna e a flora ribeirinha.

Faz-se necessário organizar o turístico local, pois se por um lado, tem criado atrativos de recursos para a comunidade, por outro, o turismo acontece de forma informal, com algumas pessoas da comunidade vendendo comida e bebida com pouca ou nenhuma fiscalização da vigilância sanitária, bem como os turistas não contam com nenhuma ação de educação ambiental, além do que a isto se associa, o comportamento de degradação ao ambiente por parte dos visitantes. Considera-se que a ilha pode oferecer um atrativo e potencial espaço de lazer e turismo, constituindo-se um dos fatores importantíssimos para a economia local, mas com as devidas ações de vigilância e monitoramento ambiental para tornar-se um turismo sustentável.

No contexto geral, os moradores da comunidade do Rodeadouro demonstram em suas falas um forte sentimento de orgulho e de pertencimento de ser desse lugar. Como reforça Cruz (2007, p. 26) ao afirmar que:

O sentido de pertença, os laços de solidariedade e de unidade que constituem os nossos sentimentos de pertencimento e de reconhecimento como indivíduos ou grupo em relação a uma comunidade, a um lugar, a um território não é algo natural ou essencial, é uma construção histórica, relacional e contrastiva, já que consciência de pertencimento e identidade não são uma “coisa em si” ou “um estado ou significado fixo”, mas uma “posição relacional”, uma posição-de-sujeito construída na e pela diferença.

Existe um sentido de localidade muito significativo presente nos moradores, pois é o local de seus antepassados, de trabalho, dos festejos, da sociabilidade, dos seus cultos á religiosidade, ao samba, da família e da própria identidade. Um sentido bastante forte, sentimento esse de pertencimento ao Rodeadouro mesmo com os problemas encontrados, que ainda os incomodam.

São notórias as práticas de representação de pertencimento dos moradores dessa comunidade, e uma das formas de expressar este orgulho de pertencimento é a participação desses moradores nas manifestações simbólico-culturais.

As manifestações simbólico-culturais do Rodeadouro

A escravidão no Brasil ocorreu como um período de intensos conflitos econômicos, sociais, políticos, culturais, marcando assim vários aspectos da cultura e da sociedade brasileira. E não podemos esquecer os conflitos diretos, as fugas, a preservação de manifestações religiosas, os traços da culinária africana, a capoeira e a construção de Quilombos que eram as mais significativas formas de resistência dos negros escravizados.

Um dos modos de compreender essa comunidade foi observar a descendência dos moradores das populações tradicionais que nela habitaram, tais como os caboclos, os negros quilombolas e indígenas.

O estudo ao mapear as manifestações simbólico-culturais do Rodeadouro tratou de conceber cada uma em sua própria identidade, considerando tais particularidades se configuram nas formas das vestimentas, da estrutura do grupo, dos rituais etc. Um exemplo são os Penitentes, que para muitos é um grupo homogêneo, mas nele se encontra as Alimentadeiras de almas e os Disciplinadores. Desse modo, cada grupo tem sua identidade. Se nas Alimentadeiras de almas o grupo é formado por homens,

mulheres e crianças, nos Disciplinadores somente participam os homens adultos. A seguir uma descrição e análise das principais expressões mapeadas:

A Religiosidade Católica: O festejo de São José

A religiosidade popular, ou seja, a devoção por santos já se tornou uma prática tradicional da Igreja Católica. O culto aos santos configura-se como elemento do Cristianismo desde os seus primórdios. Essas manifestações de fé estão relacionadas a um processo formal de santificação, que para os devotos, significa uma expressão pura, emocional e espontânea de sentimentos, de necessidades, como um pagamento de promessas ou um simples agradecimento por uma graça alcançada.

O culto a São José para os moradores da comunidade do Rodeadouro significa um momento ímpar para essas pessoas, a realização da festa para a comunidade representa um evento com contornos humanos ao lugar. O espaço é ornamentado e iluminado com toda a perfeição, de tal forma que se percebe o contentamento nos olhos dos moradores no período da arrumação, como revela um entrevistado: “As coisas marcantes daqui pra mim é as festas de São José, os festejos do padroeiro é uma das coisas que sempre marcou minha vida, desde a minha infância até hoje” (A.L, entrevista, Rodeadouro, 08.07.2011).

As atividades dessa manifestação religiosa são a missa, a procissão, a benção, o novenário e a reza. O dia 19 de março representa mais do que uma data santificada para essa comunidade, e sim, um dia de esperança para quem vive da agricultura à espera da chuva no Sertão.

Os devotos do padroeiro São José ficam ansiosos com a espera do mês de março, como narra a música do sertanejo Luiz Gonzaga: “O dia do santo querido”. Neste dia os fiéis aguardam a chuva e as promessas de uma colheita garantida para o sustento de suas famílias.

A igreja de São José foi construída na década de 1960, e no dia de São José, seu padroeiro e protetor da localidade faz-se o momento tradicional de maior movimentação. Os festejos se iniciam com a alvorada pelas ruas e café da manhã na chegada à igreja, seguindo à tarde com procissão e a missa festiva, além de leilões que abrilhantam ainda mais a festa. Chegam-se convidados de todas as localidades.

Na enquete realizada com pessoas que não moram na comunidade procurou-se saber se as mesmas têm conhecimento desse festejo, a resposta foi unânime, pois, 100% dos entrevistados disseram saber da existência da mesma. Tal resultado demonstra o

esforço e a mobilização da comunidade para a realização de eventos que expressam a cultura local.

Os penitentes: “O sincretismo religioso”

O sincretismo religioso é o resultado da união de vários elementos de diferentes origens que engloba tanto em relação à religião, como na cultura, bem como as festas do divino, sendo uma tradição do catolicismo e da própria cultura popular encontrada em várias regiões (BARROSO, OLIVEIRA, SILVA, 2011, p.01).

Ferretti (2008, p. 23), assinala o surgimento de um termo que, na atualidade, tem substituído o termo sincretismo nas discussões acerca das formações culturais: o multiculturalismo. Para o autor multiculturalismo, refere-se ao convívio de várias formas culturais à posição dos sujeitos e a formação da Identidade, importante assinalar também que a formação cultural no Brasil se deu, desde o início, através do contato entre diversas culturas, sendo que este processo foi por muito tempo negado e só recentemente tem sido discutido, sendo um assunto complexo, mas de suma importância o entendimento desses fenômenos.

Portanto, a penitência é uma prática católica muito antiga, que tem como significado o sacrifício pessoal do fiel, que com esse ato crê está pagando por um pecado cometido, ou mesmo agradecendo uma graça recebida, fato esse que antigamente, se acredita que por meio das flagelações no próprio corpo, a alma seria libertada. Com essa atitude os fieis demonstravam que a alma era mais importante do que o corpo humano (LIMA, 2006, p. 107).

Em relação aos penitentes, os mesmos representam um aspecto importante da religiosidade popular, da vida cultural do nordestino, com manifestações profundas da raiz, da cultura desse povo que merece ser reconhecida como patrimônio cultural da Bahia e do Brasil. Os cultos aos penitentes na cidade de Juazeiro e nas zonas rurais, mas precisamente no Rodeadouro, segundo a enquête realizada nesse estudo no centro urbano de Juazeiro, os dados propiciaram descobrir que 50% dos entrevistados sabem da existência dos penitentes como uma manifestação típica dessa comunidade.

Os Penitentes são aqui divididos em dois grupos, as Alimentadeiras de Almas e os Disciplinadores. A seguir uma caracterização de cada manifestação e suas especificidades.

As alimentadeiras de almas

As Alimentadeiras de Alma são pessoas piedosas que se dedicam a prática da penitência de orar pelos mortos, com fé e fervor durante os dias de segunda, quartas e sextas-feiras da Quaresma, com orações pelas almas, eles chacoalham um instrumento chamado de **matraca** usada para bater em locais de parada e estações onde se rezam pelas pessoas falecidas. Os componentes do cordão são homens e mulheres vestidos com lençóis brancos cobertos dos pés à cabeça, cobrindo os rostos para que sejam segurados com as próprias mãos ou fechados com alfinetes para melhor comodidade. Amarrados com um cordão de São Francisco na cintura e caminhando sempre em fila com um madeiro sagrado, sempre levado pelo primeiro da fila, sendo também o mesmo a “puxar” os *benditos*, que são as ladainhas e rezas cantadas também pelos outros componentes do cordão.

A circulação desse grupo pelas ruas é um momento marcado pela tradição de todos os anos no período da Quaresma, entre a quarta-feira de cinzas e a sexta-feira da Paixão. Alguns fiéis realizam o ato da penitência, nas noites da Quaresma percorrendo várias ruas em direção à igreja de São José, visitando em seguida, o Cruzeiro e o cemitério da comunidade, rezando pelas almas dos mortos. A tradição da penitência pode ser presenciada tanto nas zonas rurais como na cidade de Juazeiro/BA.

Os Disciplinadores

Os Disciplinadores é um grupo exclusivamente formado por homens adultos. Eles se vestem com uma anágua, tipo de uma saia fina, enrolando uma toalha na cabeça. Há grupos pequenos que se organizam sob os cuidados do chefe que é o guia ou saqueiro. Adotam o exercício da autoflagelação que consiste durante o ato de penitência, em se martirizarem com chicotes providos de lâminas nas pontas, causando cortes por todo o corpo, e derramando sangue. O objetivo é reduzir os pecados. A disciplina, ou seja, o sacrifício é realizado com um instrumento formado de cordas ou couro cru e pontas de ferro com lâminas cortantes. Com suas vestes brancas cobrindo os rostos com a pretensão de serem secretos, ou até mesmo anônimos, na saída dos cordões, eles também seguem um madeiro, saem entoando os *benditos*, ritual próprio cantado em voz alta, misturando agudos e graves, que ecoam nas estradas e casas da comunidade. Durante todo percurso a cena é vista pela população que respeita a tradicional cultura passada ao longo das gerações.

Normalmente um ex-penitente ou pessoas ligada aos que fazem parte do cordão de penitentes, tem a função de levar sacolas contendo velas que serão acesas devido às

promessas coletivas ou individuais, e as roupas que estavam vestidos antes de chegarem ao local de partida do cortejo.

Consideram os seguidores dessa manifestação, um mergulho no profundo da alma, uma forma de reduzir os pecados e rogar por almas alheias. A penitência dura 07(sete) anos e é passada de pai para filho, não como obrigação, e sim, por devoção. Em caso de morte, um parente o substitui no cordão até completar os anos que faltam da penitência, podendo se quiser renovar por mais sete anos. Quando morre um guia, é depositado em seu túmulo o madeiro que vai à frente do cordão de São Francisco. Durante o período da Quaresma na quinta-feira Santa, **Os Disciplinadores** saem de casa em casa, pedindo o Pai-Nosso, nesse mesmo dia costumam esmolar para o santo jejum, ao contrário das **Alimentadeiras de Alma** que não esmolam. Então, algumas pessoas ligadas às irmandades que em resultado de uma promessa (dando continuidade a tradição), solicita dos chefes dos cordões, uma visita onde é oferecido um “café com bolo” como oferta.

Essas descrições que partem da memória dos moradores mais velhos, ainda não registradas em documentos ou livros sobre essa comunidade torna-se um fator fundamental para elaboração de um registro oficial, permitindo trazer à tona as vivências do passado que se transformam, hoje, em experiências que são perpassadas para as futuras gerações.

Alguns fiéis consideram que as manifestações estão perdendo sua força, pois antigamente eles eram mantido todo o ritual em segredo, só se sabia quem era um **Disciplinador** apenas a família, e a mesma não poderia contar para mais ninguém. Quem participava, em hipótese alguma, poderia andar sem camisa nem mesmo dentro de casa. Segundo relatos, nem esse comportamento e nem o segredo são mais mantidos, para desgosto dos que seguem a risca as tradições da penitência.

O Samba de veio

O samba de veio é composto por um grupo basicamente descendente de negros de religião católica, manifestado por peças ilustres como o bumba-meu-boi, a mulinha e o caipora. Não existe faixa etária para participar, e constatou-se que atualmente tem a presença de jovens e crianças, pois foi abolido com o preconceito antes existente em relação à idade. Com a permanência dos contornos de instrumentos e tambores dos seus antepassados, os dançarinos se agitam com tamboretas produzidos por eles próprios, com o couro de bode, pandeiros e triângulo.

O samba de veio tem sua origem nas raízes africanas. Trazido pelos escravos que para se distrair extraíam o som dos tambores feitos de couro e de instrumentos feitos de barbantes e cabaças. Na comunidade, o **samba de veio**, tem a finalidade de fazer a diversão da mesma, segundo os mais velhos, ele se manteve pelos trabalhadores das casas de farinha e pescadores que, após suas jornadas de trabalho, se reuniam para dançar nas próprias casas da comunidade. O samba se distingue pelo batido com sapateados e palmas e com o requebrado dos dançarinos que encantam quem os assistem.

Segundo Cruz (2007, p. 05), a cultura tem na sua definição e conceito incluir o conhecimento, experiências e realizações humanas como as crenças, a arte, a moral, a lei e todos os outros costumes e habilidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Desse modo, o samba de veio esteve esquecido pela comunidade, mas através de uma professora juntamente com seus alunos, foi revitalizado em 03.10.2005, fazendo apresentações em escolas, universidades, empresas, etc., e no qual a comunidade do Rodeadouro mostra a cultura local em suas viagens.

Referente ao relato anterior, o samba de veio do Rodeadouro está desde o ano de 2005, registrado como “Associação Cultural de Samba de Veio do Rodeadouro-ACSVÉR”, para fins de registro no livro de pessoas jurídicas. Desse modo, é uma manifestação de grande riqueza cultural dessa comunidade, mas que passa despercebida, pois na enquete aplicada descobriu-se que somente 30% dos entrevistados da cidade de Juazeiro sabem da existência dessa manifestação cultural no Rodeadouro.

Em “Identidade e Diferença”, Tomaz Tadeu (2009), diz que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. Acreditando na afirmação desse autor, avalia-se como fundamental que cada pessoa reconheça em si, as marcas do seu grupo de origem, respeitando e valorizando as peculiaridades de sua comunidade, porque são nesses referenciais identitários que produzimos um sentimento de identificação.

Os participantes do samba de veio (dentre outros que constituem essas manifestações) reclamam que não há tanto incentivo da Secretaria de Cultura Municipal, que poderia investir mais para que a cidade de Juazeiro, como um todo, saiba da existência das manifestações locais. Um apelo que não é de hoje, mas de anos, pois não muito distante, existe o samba da ilha do Massangano que se localiza no lado pernambucano, e que já obteve de sua autoridades municipais o incentivo, tanto que este grupo é um dos grupos mais reconhecidos por todo o estado pernambucano e outras mais, sendo reconhecidos com prêmios em suas apresentações.

Ressaltando, avalia-se que todas essas manifestações culturais identificadas no estudo são referências identitárias da comunidade do Rodeadouro. Concorda-se com a Woodward (2004, p.17) quando reflete sobre a relevância das representações culturais em dado espaço:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos e pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e àquilo que somos.

Emblemas e signos fundadores da relação identidade e território

A relação entre identidade e território toma forma de um processo em movimento, que constitui ao longo do tempo o elemento, o sentido de pertencimento do indivíduo com seu espaço de vivência.

Nesse sentido, todo simbolismo com relação à comunidade e suas manifestações pode ser atribuído aos laços de identidade social, que é configurada também em uma identidade territorial, confirmando o que Haesaert referencia:

(...) Assim a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central da construção dessa identidade **parte ou perpassa o território** (HAESAERT, 1999, p. 172- 178, grifo do autor).

Diante dessas questões marcadas pela forte inter-relação território e identidade, o que fica evidente é o papel da cultura enquanto “forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo [...]; uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver” (SANTOS, 2000, p.61).

Araújo (2007) considera que o processo identitário com o território é gerado pelo juízo valorativo constituído por circunstâncias históricas definidas pelo significado. A necessidade de reconhecimento/legitimação social tanto pelos sujeitos do território quanto pelos de fora se afirma e se remete a um acontecimento originário, fundador, instituído como mito. Isto implica compreender que é na formação do território que emblemas, símbolos, mitos, tomados como *mito fundador* marcam os significantes, os sentidos e os significados sobre um determinado território e estabelecem uma territorialidade.

Os emblemas e signos aqui identificados dessa relação identidade e território no Rodeadouro são a família, a igreja, a comunidade-território e a escola. A intenção é analisar como estes emblemas e signos produzem os sentidos de pertencimento dos

sujeitos ou dos grupos sociais, os caracterizando como pertencentes ao Rodeadouro e fazer deste seu contexto material e imaterial de suas vidas

A família

A família apresenta-se como a formadora dos signos comportamentais, éticos e morais, que regem a organização social e se expressa nas manifestações simbólico-culturais fortalecendo a continuidade das tradições de geração a geração.

Em uma entrevista, tem-se o depoimento desse papel da família na comunidade:

Sou casada há mais de 36 anos, um casamento que graças a Deus tudo deu certo em nossas vidas, que sobreviveu a altos e baixos como toda relação, mas criamos nossos filhos na base de muito amor, carinho e acima de tudo dando confiança e confiando neles [...] Claro que a época de ontem não é a de hoje, mas os princípios educativos e morais eles perduram, no entendimento que a moral é o conjunto de normas que orienta a pessoa para ter a realização do seu fim, um fim com a finalidade a que se destina, quando passamos para nossos filhos uma destinação aberta a mudanças, um esforço de entender o mundo de hoje sem perder os ensinamentos de ontem e esta comunicação for com firmeza e tranquilidade, de uma forma natural e serena, certamente, essas virtudes serão bem assimiladas [...]. (G.S.S.S.D, entrevista, Rodeadouro, 25.07.2011).

Portanto, a família, é a base de onde tudo começa, estabelece um papel significativo como membro socializador na exterioridade, nos leva a pensar as atribuições e a importância que esta possui para o desenvolvimento da nossa sociedade na transmissão de códigos morais, educativos, éticos e comportamentais, na formação do cidadão que irá refletir na sua vida escolar, compreendendo que esta instituição social não tem produzido um resultado esperado por conta da relação pais e filhos, estarem desgastada em consequência das mudanças comportamentais que a mesma vem enfrentando.

Em relação às questões acima, atualmente na comunidade do Rodeadouro existem algumas famílias tradicionais, que de certo modo não concordam muito com esses novos métodos educativos que vimos atualmente, como exemplo de alguns pais que na sua época sofreram uma criação mais coibida, decidem por educarem seus filhos com livre-arbítrio sem muitas normas e obrigações. Comportamento este que deve ser conduzido com bastante cuidado para que essa liberdade seja estabelecida em conjunto naturalmente atribuída ao indivíduo que a possui. As responsabilidades continuam sendo dos pais, pois são eles espelhos para seus filhos, assumindo até quando chegarem à idade adulta, pois as crianças absorvem melhor, sempre observando seus pais e influenciadas pelo meio em que vivem com seus comportamentos, educando adultos para o futuro no exercício de sua cidadania, pois a educação de valores para as crianças,

jovens e adolescentes e a conduta dos pais, que estão sendo transferidos atualmente, pois serão estes os modelos de comportamento adotados pelas gerações futuras.

No Rodeadouro as manifestações simbólico-culturais são passadas de pai para filho, pois, para os praticantes desses signos (penitentes, devotos de São José dentre outros), apreendem com a família sobre essas tradições, assim dando seguimento. Que para os seguidores isso acontece para que esses movimentos simbólicos não se acabem com o passar do tempo.

A Igreja

Faz-se como a formadora dos signos religiosos, dos rituais, dos festejos, da devoção aos santos, da fé nas almas e da sua importância na identidade social da comunidade. Na comunidade há uma grande influência da igreja católica, na formação dessas famílias. A religiosidade tem um significado ímpar na vida dessas pessoas, visando fortalecer o catolicismo ao introduzir a importância dessa relação entre a igreja, a família e comunidade, pois, vivemos em uma sociedade em que poucos valorizam a religião, visando somente ter isso ou aquilo, quanto mais tem, mais querem, sem se importar com os valores que compõem a vida e com isso a igreja vai perdendo essa dimensão social e cultural para o ser humano, que não é o caso da comunidade do Rodeadouro.

A Comunidade – Território

A comunidade aqui é entendida como a formadora dos processos educativos, sendo o espaço do cotidiano no qual se dá aprendizagem das práticas sociais, das manifestações e das maneiras de reproduzi-las, transfigurando-se desse modo, como o território, formador do sentimento de pertencimento, de enraizamento, da memória e das representações identitárias. Ela é o espaço das experiências vividas, que consiste segundo Almeida em:

[...] Território é o espaço das experiências vividas, onde as relações entre atores (...), são relações permeadas pelos sentimentos e pelos simbolismos atribuídos aos lugares. São espaços apropriados por meios de práticas que lhes garantem uma certa identidade social/cultural (ALMEIDA, 2003, apud. SILVA, 2009, p. 109).

A identidade cultural da comunidade do Rodeadouro é visível nas relações familiares, nos acontecimentos religiosos e festivos, essas heranças culturais e identitárias são realizadas de maneira simbólicas expressadas pelos próprios moradores. Nesse sentido Haesbaert define identidade territorial:

[...] Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social [...] trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. (Haesbaert, 1999: 172-178).

O espaço tido como o território da vida é a referência identitária formadora do processo educativo, do espaço cotidiano de aprender a valorizar as manifestações culturais pertencente dessa localidade. Através das vivências obtidas desde a infância se interiorizam no indivíduo de modo que o mesmo no decorrer do seu desenvolvimento humano- social possam reproduzi-las e perpassá-las cultuando a mesma de geração em geração.

A formação do território também é constituído por sentimentos de pertencimento de um grupo ou indivíduo com o ambiente de vivência e os caracteres que fazem parte dessa formação cultural e territorial de uma dada comunidade, dimensionando-se para a constituição de uma territorialidade. O conceito de territorialidade traz o significado do pertencer àquilo que nos pertence, que está enraizado em nossas origens através de nossos ancestrais. Contudo esse sentimento de exclusividade e demarcação ultrapassa os próprios limites geográficos de um lugar. “Mas territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos é privilégio do homem” (SANTOS, 2001, p.19).

O papel da territorialidade se traduz na formação de processos identitários locais, considerando sua dinamicidade, pois os elementos que a constituem (o homem, o espaço) são susceptíveis de constantes variações no tempo. Um conjunto de relações emergentes de um sistema tridimensional – sociedade, espaço, tempo. Segundo Raffestin (1993, p. 162): “a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações reais recolocadas em seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal”

Para Almeida (2005, p.108) o território afirma-se como um espaço multidimensional marcado pelas necessidades econômicas, sociais e políticas e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam. A função do território é maior que tais dimensões, pois “território é objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo”

Dessa forma o território é constituído por um espaço cultural de identificação de pertencimento e apropriação do lugar onde vive. A comunidade assim entendida como

território permite a elaboração da territorialidade dos sujeitos ao Rodeadouro. Essas apropriações têm como base a história de vida dessas pessoas, da sua realidade local, resultante de saberes e representações sociais da própria comunidade.

Por fim, além da comunidade existe também a ilha do Rodeadouro novo território organizado, que apresenta novas formas de ocupação territorial fundamentada na formação de indivíduos que realizam várias atividades. A constituição dessa nova territorialidade está baseada em laços de amizade, de parentescos, vizinhança entre os barraqueiros e barqueiros da comunidade e outros lugares, nas formas de organização que lhes são próprias, onde os mesmos construíram uma nova identidade no interior da ilha, ancorada no pertencimento de ser da 'ilha do Rodeadouro'. Nesse sentido, o processo de globalização não apagou as práticas sociais baseadas no pertencer ao território, possibilitando-os uma nova roupagem. Como diz Santos (2002, p.10):

O território não é apenas o conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é fundamentado do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Atualmente quando se fala em Rodeadouro, as pessoas concluem ser uma ilha e não uma comunidade. Constatou-se tal fato através da aplicação de uma enquete com moradores/passantes no centro de Juazeiro, e o resultado foi que 60% das pessoas pesquisadas afirmaram conhecer ou ouviu falar da 'ilha' fazendo uma alusão do Rodeadouro como um todo.

A Escola

O contexto educacional da comunidade do Rodeadouro ainda trabalha de forma descontextualizado a questão da identidade da mesma, visto que os alunos aprendem sobre os aspectos simbólico-culturais da comunidade por meio da própria família e das pessoas mais velhas. Com ressalva da professora Maria de Fátima que fez um trabalho interessante sobre a história da comunidade intitulado de "*Minha comunidade, minhas raízes*", com base nos relatos dos moradores mais velhos do Rodeadouro, com os alunos da EJA que estudam no período da noite. Neste sentido, o trabalho serviu para a professora como uma ferramenta de suporte proporcionando a turma tanto na sua formação, quanto na valorização do conhecimento cultural, gerando uma reflexão, acerca de sua vivência local e os saberes constituídos.

Ao entendemos que a Escola, enquanto instituição social formadora é também um emblema fundador da relação identidade e território ao se portar como o espaço da aprendizagem dos conteúdos em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, e que estes seja, co-relacionados ao cotidiano dos alunos, desde o aspecto local ao global.

Gomes (2007, p. 92) citando Paulo Freire, afirma que este desde a década de 1960 passou a questionar o quanto o que se ensinava nas escolas estava desligado da vida das pessoas, e propôs, dentro de uma perspectiva dialógica entre educador e educando, que a própria experiência e a realidade dos educandos se transformassem em fonte primária dos conteúdos a serem trabalhados nos *círculos de cultura*, como eram chamadas as salas de aula.

Assim, a Escola também está inserida nesse contexto, além de possibilitar aos alunos a apropriação dos conteúdos de maneira crítica e construtiva, precisa valorizar a identidade cultural e territorial de sua própria comunidade. Um aspecto relevante são os livros didáticos, que ao trazerem a observação da realidade concreta do aluno estimula a aprendizagem, possibilitando o conhecimento dos assuntos referências de sua vida. Dessa maneira a escola entra como estratégia de ensino o ‘conhecer para valorizar’:

Nossa crença é a de que a escola possa lidar com outros saberes, especialmente que ela possa dar sua contribuição para a melhoria das condições de vida do sertanejo. Não se trata de reduzir a ação pedagógica ao localismo. Isso seria cometer não só um erro, mas um crime! Todos nós temos o direito de conhecer e ter acesso aos bens culturais da humanidade. Queremos é que os “nossos” bens culturais estejam entre aqueles, e com o mesmo valor, sem desmerecimento. Trata-se contudo, ainda de otimizar a nossa relação com o mundo (MARTINS, 2007, p. 121).

A Escola contextualizada é aquela que retrata sua comunidade, observando o que a envolve e, também, participando com ela. O currículo contextualizado passa a imagem da própria vida, e a aprendizagem é retirada das situações encontradas.

A Educação contextualizada para Rocha e Machado (2007, p. 187) configura-se na construção de uma proposta metodológica, que antes de tudo garanta que a escola exerça um outro papel junto aos alunos e familiares, que seja construtora de conhecimentos que sirvam para que a comunidade rural encontre seu desenvolvimento. Desconstruir a idéia de que a escola é repassadora de conhecimento “para quem não tem conhecimento” é um dos grandes desafios que envolvem as discussões e políticas da Educação contextualizada. Uma proposta de Educação contextualizada precisa acima de tudo, compreender os sujeitos como pessoas capazes de produzir e disseminar conhecimento, baseados nas suas vivências, práticas e experiências cotidianas.

Considerações finais

Pesquisar sobre a comunidade do Rodeadouro foi bastante importante, que até então não tinha tantas informações precisas com relação a ela, apesar de ser nativa da comunidade, uma viagem inesquecível, que a cada parada, algo novo aparecia. Entrevistar essas pessoas como diz Portelli (2010), não é um ato de extrair informações, e sim, o abrir-se de um espaço de narração, um espaço compartilhado de narração, em que a presença do historiador oferece ao entrevistado alguém que está ali para escutá-lo, coisa que não lhe ocorre com frequência. Percebe-se o envolvimento dos entrevistados na expressão do sentimento de pertencer a comunidade e fazer parte de todo o contexto que envolve a mesma.

A força das falas significa a troca de saberes dos sujeitos que passam a contar suas histórias de vida, suas memórias e suas experiências é o que as mesmas representaram para se compreender o ‘mundo’ Rodeadouro das pessoas que ali vivem. As falas dos sujeitos pesquisados demonstram a memória viva da comunidade do Rodeadouro, onde cada uma contribuiu significativamente para a realização e conclusão desse estudo. Portanto a fonte oral, neste caso, é de suma importância para a continuidade das tradições simbólico-culturais da comunidade.

A expressão do mundo consubstancia-se em elaboração do mundo e a comunicação em colaboração. E o homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum- só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo. A palavra, porque lugar do encontro e do reconhecimento das consciências, também o é o reencontro e do reconhecimento de si mesmo (FREIRE, 1987, p. 19).

Os aspectos lingüísticos que para Saussure (1969) é considerado um divisor de águas na linha de estudos científicos da linguagem, foram importantes neste estudo para se conhecer a identidade de “ser do Rodeadouro”, assim como a integração grupal e a valorização da cultura e das crenças tradicionais, tomados como fatores de preservação dessa identidade da comunidade.

Os resultados obtidos com esse estudo apontam, em primeiro lugar, para a necessidade de preservação da própria memória da comunidade, e que neste aspecto, o mapeamento, descrição e análise das manifestações simbólico-culturais venham contribuir significativamente para elaboração de um registro oficial, construindo assim, um acervo cultural, tornando-se acessível para a comunidade do Rodeadouro, em especial, para a escola local, pois até o momento, a comunidade não possui uma

biblioteca, tampouco um espaço para que os alunos busquem mais conhecimentos da comunidade- território onde vivem.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Flávio Gomes de O. ordenamento territorial e a geografia física no processo de gestão ambiental. In: SANTOS, Milton e BECKER, Bertha (org.). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Lamparina, 2007. 3ª Ed

ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de. (et.al). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. - Rio de Janeiro. 2007. 136p.

BARROSO, Oliveira, Silva – Afro descendência: **Uma reflexão mediada pelo conceito de sincretismo**. 2011- site visitado dia 16.09.2011.

BOSI, Ecléa- **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**- Ateliê Editorial, 2. Ed. São Paulo, 2004.

CRUZ, V.C..Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In: **Itinerários geográficos**. BEZERRA,A.C.A., NASCIMENTO, F.R. do e ARRAIS, T.A. (orgs). Niterói: EDUFF, 2007.

ESPOSITO, Vitória Helena Cunha, de. (et.al). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. – Piracicaba: Editora Unimep, 1994.

FERRETTI, Sergio. **Repensando o sincretismo**. São Paulo/ São Luís: EDUSP/FAPEMA, 1995.

_____. Multiculturalismo e Sincretismo. In: MOREIRA, A. da silva, OLIVEIRA,

Irene Dias de. (Org). **O futuro da religião na sociedade global: Uma perspectiva multicultural**. 2008.

FREIRE, Paulo. **A Educação como prática da liberdade**. 23ª. Ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1987.

GOMES, Henrique Cezar Martins- Educação no contexto do semi-árido brasileiro, KUSTER, Angela, MATTOS, Beatriz (orgs). **Para onde sopram os ventos?Escola, vida e cultura de povos do mar do ceará**, 2007.

HAESBAERT, R. Identidades e Territoriais. In ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. L. (orgs). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

HAESBART Rogério. O Mito da Desterritorialização: **do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

JUAZEIRO, Prefeitura Municipal de- site- Disponível em: <www.juazeiro.ba.gov.br>. Acesso em dia 17.05.2011.

LIMA, Roberto- Escrituras nos corpos, na roça e na cidade: **As diferentes penitências no médio São Francisco**, artigo. 2006.

MARTINS, Gilberto de Andrade- **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas** / Gilberto de Andrade Martins, Carlos Renato Theóphilo. – São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, Josemar da Silva (Pinzoh)- Educação no contexto do semi-árido brasileiro, KUSTER, Angela, MATTOS, Beatriz (orgs).**Educação no Brasil e a proposta de educação conte** brasileiro,**xtualizada**, 2007.

PORTELLI, Alessandro- **História oral e poder**. 1. Oral History and Power.. Universidade La Sapienza, Roma. RESUMO: *Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH*, Fortaleza, 2010. Site visitado em 31.08.2011.

ROCHA, Eliene Novaes (et.al). Educação no contexto do semi-árido brasileiro, KUSTER, Angela, MATTOS, Beatriz (orgs). **Formação de educadores rurais: Construindo uma política de educação contextualizada**, 2007.

SANTOS, Milton. Território e dinheiro. In: TERRITÓRIO territórios. Niterói: Programa de Pós- Graduação em Geografia/ UFF; AGB, 2002.p.9-15.

_____.**Território e sociedade**: entrevista com Milton Santos. Entrevistadores: Odete Seabra, Mônica de carvalho, José Corrêa Leite. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____.**Território e sociedade**. 2ª Ed. 1ª Reimpressão. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2001. 127 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. Trad de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo, Cultrix, USP, 1969.

SILVA, Tomas Tadeu da- **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomas Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T.T. (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.